SARAH MACLEAN
Ela arruinou-o
e abandonou-o.
Mas agora está de volta.
Irá ele apaixonar-se de novo?
UM DUQUE GLORIOSO
TOP SELLER
Vencedor do Prémio RITA
Melhor Romance Histórico

Para o Eric, o meu próprio gigante meigo,
por tomar tão bem conta de mim.

Em memória de Helen, Senhora Lowe.

Temple

Abadia Whitefawn, Devonshire
Novembro de 1819

Ele acordou com a cabeça a latejar e o pénis ereto.

A situação não era invulgar. Ele acordara, afinal de contas, todos os dias durante mais de meia década com um destes itens em questão, e em mais manhãs do que era capaz de enumerar com ambos.

William Harrow, Marquês de Chapin e herdeiro do ducado de Lamont, era rico com título de nobreza, privilegiado e bonito — e um jovem abençoado com aqueles traços raramente desejados para o que quer que fosse relacionado com vinho ou mulheres.

Então assim era que nesta manhã ele não se arreliou. Sabendo (como bebedores experientes sabem) que a cabeça a latejar aliviaria por volta do meio-dia, decidiu curar a outra aflição e, sem abrir os olhos, chegou-se à mulher que estava sem dúvida por perto.

Só que não havia mulher nenhuma.

Em vez de uma mão-cheia de carne morna e desejosa, William viu-se com uma mão-cheia de almofada insatisfatória.

Abriu os olhos, e a luz brilhante do sol de Devonshire atacou-lhe os sentidos e enfatizou o ruído dentro da sua cabeça.

Blasfemou, cobriu os olhos fechados com o antebraço, enquanto a luz do sol ardia num tom vermelho por trás das pálpebras, e respirou fundo.

A luz do dia era a forma mais rápida de estragar uma manhã.

Possivelmente, ainda bem que a mulher da noite anterior desaparecera, embora a memória de seios sumptuosos e belos, uma cabeleira

de caracóis avermelhados e uma boca feita para o pecado viesse acompanhada por um sentimento de arrependimento.

Ela era lindíssima.

E na cama...

Na cama ela fora...

Ele ficou imóvel.

Não se conseguia lembrar.

Certamente que não bebera assim tanto. Ou bebera? Ela era comprida e cheia de curvas, tal como ele preferia as mulheres, igualando-o na altura e largura que eram frequentemente a sua praga no que se referia a elas. Ele não gostava de sentir que podia esmagar uma rapariga.

E ela tinha um sorriso que o fazia pensar em inocência e pecado em simultâneo. Ela recusara dizer-lhe o seu nome... recusara ouvir o dele...

Completa perfeição.

E os seus olhos — ele nunca vira olhos como os dela, um azul como o mar no verão e o outro justamente no limiar do verde. Ele passara demasiado tempo a admirar aqueles olhos, fascinado por eles, grandes e convidativos.

Eles tinham passado furtivamente pelas cozinhas e haviam subido as escadas dos criados, ela servira-lhe um uísque...

E era só disso que ele se lembrava.

Deus do céu. Tinha de deixar de beber.

Assim que o dia de hoje acabasse. Precisaria de beber para sobreviver ao dia de casamento do pai — o dia em que William ganhava a quarta madrasta. Mais nova do que todas as outras. Mais nova do que ele.

E muito, muito rica.

Porém ainda não a conhecera, este modelo de noiva perfeita. Conhecê-la-ia na cerimónia e não antes disso, tal como fizera com as outras três. E em seguida, assim que os cofres da família tivessem sido mais uma vez recheados, ele ir-se-ia embora. Regressaria a Oxford, tendo cumprido o seu dever e desempenhado o seu papel de filho dedicado. Regressaria à vida libidinosa e gloriosa que pertencia a herdeiros de ducados, cheia de bebida e jogo e mulheres e nem uma preocupação no mundo.

Regressaria à vida que adorava.

Mas, esta noite, honraria o pai e cumprimentaria a sua nova mãe e fingiria que se preocupava com eles por uma questão de decoro.

E talvez, depois de desempenhar o papel de herdeiro, procuraria a jovem brincalhona nos jardins e faria o melhor para recordar os acontecimentos da noite anterior.

Ainda bem que existiam mansões de campo e casamentos com muitos convidados. Não havia uma mulher neste mundo que pudesse resistir à atração sexual de um casamento, e por causa disso, William tinha uma grande afinidade pelo sagrado matrimónio.

Que sorte o seu pai ter tanto talento para isso.

Fez um sorriso rasgado e espreguiçou-se na cama, atirando um braço por cima dos lençóis de linho frescos.

Lençóis de linho *frescos*.

Lençóis de linho frescos e *molhados*.

Mas que raio?

Arregalou os olhos.

Foi então que se apercebeu de que não estava no seu quarto.

Aquela não era a sua cama.

E o líquido vermelho que atravessava os lençóis da cama, humedecendo-lhe os dedos com o resíduo peganhento, não era o seu sangue.

Antes de poder falar ou mexer-se ou compreender fosse o que fosse, a porta do quarto de dormir estranho abriu-se e apareceu uma criada, de rosto jovem e ansioso.

Havia uma dúzia de coisas diferentes que podia ter-lhe passado pela cabeça naquele momento... uma centena delas. E ainda assim, nos segundos fugazes entre a entrada da jovem criada e o instante em que o viu, William pensou apenas numa coisa — que estava prestes a arruinar a vida da pobre rapariga.

Ele sabia, sem dúvida alguma, que ela nunca mais abriria uma porta descontraidamente, nem estenderia lençóis numa cama, nem saborearia a luz rara e resplandecente do sol numa manhã de inverno em Devonshire sem se lembrar deste momento.

Um momento que ele não poderia alterar.

Ele não disse nada quando ela o viu, nem quando ela ficou petrificada nem quando ela ficou impossivelmente pálida e arregalou os seus olhos castanhos — engraçado que ele tenha reparado na cor — ao aperceber-se da situação, ficando horrorizada.

Ele também não disse nada quando ela abriu a boca e gritou. Ele teria feito certamente a mesma coisa, se estivesse no lugar dela.

Só quando ela finalmente terminou aquele primeiro guincho ensurdecedor — aquele que fez lacaios e criadas e convidados de casamento

e o pai dele virem em seu socorro — é que ele falou, aproveitando o momento de silêncio antes da tempestade iminente para perguntar:

— Onde é que eu estou?

A criada simplesmente ficou a olhar, em choque.

Ele começou a sair da cama, caindo-lhe os lençóis até à cintura, mas em seguida parou ao aperceber-se de que não via as suas roupas em lado nenhum.

Estava nu. Numa cama que não era a sua.

E estava coberto de sangue.

Olhou novamente para a criada, de olhar horrorizado, e quando falou, as palavras saíram pela boca repletas de inocência e algo que mais tarde identificaria como medo.

— De quem é esta cama?

Notavelmente, ela foi capaz de responder sem gaguejar.

— Da menina Lowe.

A menina Mara Lowe, filha de um financeiro abastado, com um dote suficientemente grande para arrecadar um duque.

A menina Mara Lowe, a futura Duquesa de Lamont.

A sua futura madrasta.

Capítulo Um

O Anjo Caído
Londres
Doze Anos Depois

Existe beleza no momento em que a carne embate no osso.

Nasce da pressão violenta das articulações dos dedos contra o maxilar e da pancada profunda do punho contra o abdómen e do grunhido oco que ecoa do peito de um homem no exato momento antes da sua derrota.

Os que saboreiam tal beleza lutam.

Há quem lute por prazer. Pelo momento em que um adversário cai no chão numa nuvem de serradura, sem força, fôlego ou honra.

Há quem lute pela glória. Pelo momento em que um campeão se assoma sobre o seu adversário derrotado e espancado, sujo de suor, poeira e sangue.

E há quem lute pelo poder. Realçado pela distensão de tendões e pela dor de futuras contusões que murmuram quando a vitória chega com a promessa de benefícios.

Mas o Duque de Lamont, conhecido pelos cantos mais sombrios de Londres como Temple, lutava pela paz.

Lutava pelo momento em que não era nada senão músculo e osso, movimento e força, destreza e finta. Pela forma como a brutalidade bloqueava o mundo exterior, silenciando o ruído da multidão e as memórias da sua mente, e deixava-o apenas com fôlego e energia.

Ele lutava porque, durante 12 anos, era apenas no ringue que ele conhecia o seu verdadeiro eu e o verdadeiro mundo.

A violência era pura. Tudo o resto estava contaminado.

E essa noção fazia dele o melhor que havia.

Invencível em toda a Londres — em toda a Europa, muitos apostavam — era Temple quem estava no ringue todas as noites, com feridas mal cicatrizadas antes de correrem o risco de sangrar de novo, nós dos dedos envoltos em longas faixas de linho. Ali, no ringue, ele enfrentava o seu próximo adversário — um homem diferente todas as noites, cada um acreditando que Temple podia ser derrotado.

Cada um acreditando que era o homem que reduziria o fantástico e inabalável Temple a um monte pesado de carne no chão da maior sala do mais exclusivo antro de jogo de Londres.

A atração d'O Anjo Caído era poderosa, construída sobre dezenas de milhar de libras apostadas todas as noites, na promessa de vício e pecado que chamava as gentes a Mayfair ao pôr do Sol, nos homens com título e riqueza e valor inigualável que se juntavam ombro com ombro e aprendiam as suas fraquezas com o chocalho de marfim e o sussurro de baeta e o rodopio de mogno.

E quando perdiam tudo nas salas gloriosas e brilhantes no piso de cima, o seu último recurso era a sala sombria em baixo — o ringue. O submundo no qual Temple reinava.

Os fundadores d'O Anjo criaram um único caminho de redenção para estes homens. Havia uma maneira para os que perdiam a sua fortuna no casino poderem recuperá-la.

Lutar com Temple.

Vencer.

E tudo seria perdoado.

Nunca tal acontecera, é claro. Durante 12 anos, Temple lutara, primeiro nos becos sombrios cheios de personagens mais sombrias para sobreviver e depois em clubes mais reles, por dinheiro, poder e influência.

Todas as coisas que lhe foram prometidas.

Todas as coisas para as quais ele nascera.

Todas as coisas que ele perdera numa só noite esquecida.

Este pensamento infiltrou-se no ritmo da luta e por um momento de distração o seu corpo ficou pesado sobre os pés, e o seu adversário — com metade do tamanho de Temple e um terço da sua força — desferiu um golpe, poderoso e sortudo, no ângulo perfeito para sacudir os dentes e trazer-lhe lágrimas aos olhos.

Temple balançou para trás, propulsionado pelo gancho inesperado, dor e choque eliminando qualquer pensamento, e viu o olhar

triunfante do seu adversário inominado. *Inominado não.* É claro que tinha um nome. Mas Temple raramente proferia os seus nomes. Os homens eram apenas um meio para um fim.

Tal como ele era um meio para o fim deles.

Bastou um segundo — menos que isso — para recuperar o equilíbrio, já fintando para a esquerda, depois para a direita, sabendo que o seu alcance era 15 centímetros mais comprido do que o do seu oponente, sentindo a dor nos músculos do adversário, compreendendo a forma como o homem mais jovem e mais furioso se tornava vítima da fadiga e da emoção.

Este tinha muito por que lutar: 40 mil libras e uma herdade em Essex; uma quinta no País de Gales que criava os melhores cavalos de corrida da Grã-Bretanha; e meia dúzia de quadros de um mestre holandês de quem Temple nunca gostara. O dote de uma jovem filha. A educação de um filho mais novo. Tudo isso perdido nas mesas de jogo do andar de cima. Tudo isso em risco no andar de baixo.

Temple olhou nos olhos do adversário e viu o desespero. O ódio. Ódio pelo clube que provara ser a sua ruína, pelos homens que o geriam e, sobretudo, por Temple — o centurião que guardava o tesouro escondido roubado dos bolsos de cavalheiros distintos e aprumados.

Aquela linha de pensamento era a forma de os perdedores dormirem à noite.

Como se fosse culpa d'O Anjo que carteiras abertas e dados azarados eram uma má combinação.

Como se fosse culpa de Temple.

Mas era o ódio que sempre os fazia perder. Uma emoção inútil nascida do medo, da esperança e do desejo. Não sabiam o seu truque — a sua verdade.

Que os que lutavam por alguma coisa estavam destinados a perder.

Estava na hora de acabar com a infelicidade deste aqui.

A cacofonia de gritos dos cantos do ringue tornou-se febril quando Temple atacou, atirando o adversário para o outro lado do chão coberto de serradura.

Onde antes brincara com o outro homem, os seus punhos agora desferiam golpes firmes e insensíveis, que se ligavam num bombardeamento. Bochecha. Maxilar. Torso.

O outro homem alcançou as cordas que marcavam a extremidade do ringue, tropeçando nelas para trás enquanto Temple o continuava

a atacar, sentindo pena deste homem que julgara que podia ganhar. Que julgara que podia derrotar Temple. Que podia superar o Anjo.

O último golpe arrancou a força do adversário, e Temple viu-o a estatelar-se aos seus pés. O barulho da multidão era ensurdecedor e estava repleto de sede de sangue.

Ele esperou, respirando com dificuldade, que o seu adversário se mexesse. Que se levantasse para um segundo assalto. Para outra oportunidade.

O homem permaneceu imóvel, com os braços à volta da cabeça.

Esperto.

Mais esperto do que os outros.

Temple virou-se, olhando para o corretor de apostas num dos lados do ringue. Levantou o queixo numa pergunta silenciosa.

O olhar do homem mais velho pousou no volume aos pés de Temple, muito brevemente antes de continuar. Ergueu um dedo deformado e apontou para a bandeira vermelha na outra ponta do ringue. A bandeira de Temple.

A multidão entrou em alvoroço.

Temple virou-se de frente para o enorme espelho que se estendia num dos lados da sala, olhando nos seus próprios olhos negros durante um momento, anuindo uma vez antes de virar as costas para o seu reflexo e trepando entre as cordas.

Abrindo caminho entre a afluência de homens que pagaram bom dinheiro para assistir ao combate, ignorou a aproximação das gentes sorridentes e bem-humoradas, cujos dedos ansiavam por um toque da pele suada e enegrecida com tinta que lhe envolvia os braços — algo de que poderiam gabar-se durante anos a fio.

Tocaram num assassino e sobreviveram.

O ritual enfurecera-o a princípio, mas depois sentira-se orgulhoso com o passar do tempo.

Agora aborrecia-o.

Abriu de rompante a porta de aço pesada que levava aos seus aposentos privados e deixou que se fechasse atrás de si, desenrolando já uma longa faixa de linho dos nós dos dedos doridos. Não olhou para trás quando a porta se fechou com força, sabendo que ninguém no recinto do combate se atreveria a segui-lo para dentro do seu santuário escuro e subterrâneo. Não sem ser convidado.

O quarto era escuro e silencioso, isolado do espaço público para lá, onde ele sabia de experiências passadas que os homens se apressavam

a reclamar os seus lucros. Uma mão-cheia deles ajudava o perdedor a pôr-se de pé e chamava um médico para enfaixar costelas partidas e avaliar ferimentos.

Atirou a faixa de linho para o chão, alcançando no escuro um candeeiro próximo e acendendo-o sem vacilar. A luz inundou o espaço, revelando uma mesa de carvalho baixa e vazia a não ser uma pilha perfeita de papéis e uma caixa de ébano intricadamente ornamentada. Começou a desenrolar a faixa do outro punho, observando os papéis, agora desnecessários.

Nunca necessários.

Juntando a segunda faixa de tecido à primeira, Temple atravessou o espaço quase vazio, pegando numa tira de couro fixa do teto, para acomodar o seu peso, alongar os músculos dos braços e ombros e das costas. Não conseguiu evitar o suspiro demorado que veio com o alongamento intenso, interrompido por um bater suave na segunda porta no canto escuro do quarto.

— Entre — disse ele, sem se virar para olhar quando a porta abriu e fechou.

— Mais um derrotado.

— É sempre assim. — Temple terminou o alongamento e encarou Chase, o fundador d'O Anjo Caído, que atravessou a sala e se sentou numa cadeira de madeira baixa que estava perto dele.

— Foi um bom combate.

— Foi? — Ultimamente pareciam todos ser iguais.

— É notável que continuem a imaginar que conseguem derrotar-te — disse Chase, encostando-se e estendendo as pernas compridas pelo chão despido. — Seria de esperar que, por esta altura, já tivessem tirado essa ideia da cabeça.

Temple serviu-se de um copo de água de um jarro perto dele.

— É difícil desistir da promessa de vingança. Mesmo que seja uma promessa ínfima. — Como alguém que nunca tivera uma oportunidade de vingança, Temple sabia isso melhor do que ninguém.

— Partiste três costelas ao Montlake.

Temple sorveu o líquido todo, deixando escorrer um curso de água pelo queixo abaixo. Passou as costas da mão no rosto e disse:

— As costelas saram.

Chase anuiu uma vez, mexendo-se na cadeira.

— O teu estilo de vida à espartano não é o mais confortável, sabias?

Temple pousou o copo.

— Ninguém te pediu para ficar. Tens veludos e estofos algures lá em cima, sem dúvida.

Chase sorriu, limpando uma partícula de gaze de uma perna das calças e colocando um papel sobre a mesa, ao lado da pilha que lá estava. A lista de desafios para a noite seguinte e a depois dessa. Uma lista interminável de homens que desejavam lutar pelas suas fortunas.

Temple exalou, demoradamente e baixinho. Não queria pensar no próximo combate. Só queria água quente e uma cama macia. Puxou um cordão de campainha perto dele, requisitando que lhe preparassem o banho.

O olhar de Temple pousou no papel, que estava suficientemente próximo para ele ver que tinha meia dúzia de nomes rabiscados, mas demasiado distante para poder ler os nomes em si. Olhou para os olhos sabedores do amigo.

— O Lowe está a desafiar-te outra vez.

Ele devia ter previsto as palavras — Christopher Lowe desafiara-o doze vezes em doze dias — e ainda assim foram como um choque.

— Não. — A mesma resposta que ele dera onze vezes. — E devias deixar de o trazer a mim.

— Porquê? O rapaz não devia ter uma oportunidade como todos os outros?

Temple olhou nos olhos de Chase.

— És um bastardo sanguinário.

Chase riu-se.

— Bastardo não, para desilusão da minha família.

— Mas sanguinário, sim.

— Eu apenas gosto de um combate emocionante. — Chase encolheu os ombros. — Ele já perdeu milhares.

— Não me interessa se ele perdeu as joias da coroa. Não vou lutar com ele.

— Temple...

— Quando fizemos este acordo... quando eu concordei em participar no Anjo, concordámos que eu escolhia os combates. Não foi?

Chase hesitou, ao ver onde a conversa ia parar.

Temple repetiu.

— Não foi?

— Foi.

— Não vou lutar com o Lowe. — Temple fez uma pausa e em seguida acrescentou: — Ele nem sequer é membro do clube.

— Ele é membro do Knight's. Ganhou agora os mesmos direitos que os membros d'O Anjo.

Knight's, a mais nova propriedade d'O Anjo Caído, um clube inferior que possuía o prazer e as dívidas de 400 personagens pouco agradáveis. Ele ficou furioso.

— Raios o partam... aquele Cross e as suas decisões idiotas...

— Ele teve as suas razões — disse Chase.

— Deus nos livre de homens apaixonados.

— Apoiado — concordou Chase. — Mas, ainda assim, temos um segundo antro para gerir, e esse possui a dívida do Lowe. E ele tem direito a um combate se o pedir.

— Como é que o rapaz perdeu milhares? — perguntou Temple, odiando a frustração que lhe contaminava o tom de voz. — Tudo o que o pai dele tocava virava ouro.

Era por isso que a irmã de Lowe tinha sido uma noiva tão apetecida.

Ele odiou o pensamento. E as memórias que o acompanhavam.

Chase encolheu os ombros.

— A sorte vira azar num instante.

A verdade por que todos eles viviam.

Temple praguejou.

— Não vou lutar com ele. Livra-te dele.

Chase olhou-o nos olhos.

— Não há provas de que a mataste.

O olhar de Temple não vacilou.

— Não há provas de que não a matei.

— Apostaria tudo o que tenho em como não a mataste.

— Mas não porque sabes que é verdade.

Nem Temple sabia isso.

— Eu conheço-te.

Ninguém o conhecia. Não de verdade.

— Bem, o Lowe não conhece. Não vou lutar com ele. E não volto a ter esta conversa. Se queres dar um combate ao rapaz, luta tu com ele.

Esperou pelas próximas palavras de Chase. Um novo ataque.

Não houve.

— Bem, Londres até gostaria. — O fundador d'O Anjo permaneceu ali, erguendo a lista de potenciais combates bem como a pilha de papéis que estivera sobre a mesa desde antes do combate. — Queres que devolva isto ao registo de apostas?

Temple abanou a cabeça, estendendo a mão para os apanhar.

— Eu faço isso.

Fazia parte do ritual.

— Porque é que foste tirar os ficheiros? — perguntou Chase.

Temple olhou para os papéis, onde a dívida de Montlake ao Anjo estava descrita numa caligrafia perfeita e concisa: cem libras aqui, mil libras ali, quatro hectares. Parte de um condado. Uma casa, um cavalo, uma carruagem.

Uma vida.

Ergueu um ombro, desfrutando da dor do músculo ali.

— Ele podia ter ganho.

Chase levantou uma das suas sobrancelhas loiras.

— Ele podia ter conseguido.

Mas não conseguira.

Temple voltou a colocar o ficheiro na mesa de carvalho descolorada.

— Eles depositam tudo no combate. Parece ser o mínimo que posso fazer para reconhecer a magnitude do que eles perderam.

— E ainda assim consegues ganhar.

Era verdade. Mas ele compreendia o que era perder tudo. Ter a vida inteira completamente mudada num instante por causa de uma escolha que não devia ter sido feita. Uma atitude que não devia ter sido tomada.

Havia uma diferença, é claro.

Os homens que vinham rastejar no ringue lembravam-se de ter feito essa escolha. De ter tomado uma atitude.

Temple não se lembrava.

Não que isso importasse.

Um sino na parede por cima da porta tocou, anunciando que o seu banho estava preparado, e isso trouxe-o de volta ao presente.

— Eu não disse que eles não merecem perder.

Chase riu-se, um som alto no quarto silencioso.

— Estás muito convencido. Um dia, podes não ganhar com tanta habilidade.

Temple pegou numa toalha, envolvendo o pescoço com o requintado algodão turco.

— Promessas perversas — disse ele ao dirigir-se ao quarto de banho adjacente, esquecendo Chase, o combate e os ferimentos que infligira. — Promessas perversas e maravilhosas.

As ruas a este do Temple Bar ganhavam vida à noite e transbordavam do que havia de pior em Londres — ladrões, prostitutas e assassinos à solta dos seus esconderijos diurnos, livres na escuridão. A florescerem nela.

Deleitam-se com a forma como as esquinas se erguem das sombras, trinchando uma escuridão deliciosa da cidade, a menos de um quilómetro das suas casas imponentes e dos seus habitantes mais abastados, marcando território onde aristocratas respeitáveis não circulavam, com demasiado medo para enfrentar a verdade acerca da cidade — de que ela era mais do que sabiam.

Ou se calhar de que era exatamente o que sabiam que era.

Era tudo o que Temple sabia que era.

Tudo o que ele era, tudo o que se tinha tornado, tudo o que alguma vez seria, este lugar, a transbordar de bêbedos e prostitutas — o lugar perfeito para um homem desaparecer. Sem ser visto.

Mas, é claro que o viam. Viam-no há anos, desde o momento em que, há 12 anos, quando chegara jovem e a fumegar de medo e fúria, sem nada a não ser os punhos que o recomendavam a este novo mundo corajoso. Os sussurros perseguiram-no por entre a imundície e o pecado, marcando o passar do tempo. A princípio, ele fingia não ouvir a palavra, mas à medida que os anos passavam, aceitara-a — e o epíteto tornou-se honorífico.

Assassino.

Mantinha-os longe dele, mesmo enquanto o observavam. *O Duque Assassino.* Ele sentia a curiosidade nos seus olhares — porque é que um aristocrata, nascido em berço de ouro, teria motivos para matar?

Que segredo devastador e negro é que os ricos e privilegiados escondiam tão bem por trás das suas sedas, joias e dinheiro?

Temple dava esperança às almas mais negras de Londres.

A oportunidade de acreditar que as suas vidas, frias e húmidas e encardidas, podiam não ser tão diferentes daquelas que pareciam estar tão acima das suas. Tão intangíveis.

Se o Duque Assassino pudesse ser derrotado, ouvia ele nos seus olhares furtivos, *então também nós poderíamos prosperar.*

E nessa esperança efémera residia o perigo. Dobrou uma esquina, abandonando as luzes e o som de Long Acre, escondendo-se nas ruas escurecidas onde passara a maior parte da sua vida adulta.

Os seus passos tornaram-se silenciosos com anos de instinto, sabendo que era neste percurso — os últimos 90 metros para a sua

residência — em que os que se mantinham escondidos nas sombras se sentiam corajosos.

Por causa disto, não era surpresa nenhuma que estivesse a ser seguido.

Já acontecera antes — homens suficientemente desesperados para o atacar, para empunhar facas e maças na esperança de que um só golpe bem-aplicado derrubá-lo-ia durante o tempo suficiente para lhe surripiar a carteira.

E se o deixasse estendido no chão para sempre, bem então, paciência. Afinal de contas, era assim que a vida nas ruas funcionava.

Já os enfrentara antes. Já lutara com eles antes, derramando sangue e dentes aqui na pedra da calçada de Newgate com uma ferocidade que faltava no ringue d'O Anjo Caído.

Lutara com eles e ganhara. Dúzias deles. Vintenas deles.

E ainda assim, havia sempre um novo pecador desesperado que vinha a seguir, tomando por engano a lã requintada do casaco de Temple por fraqueza.

Abrandou, concentrando-se nos passos atrás dele, diferentes do habitual. Isentos do peso da bebida e da insensatez. Rápidos e determinados e quase em cima dele antes de reparar no que distinguia estes passos.

Devia ter percebido mais cedo. Devia ter compreendido de imediato porque é que havia algo tão invulgar neste perseguidor em particular. Tão desconcertante. Devia ter pressentido, quanto mais não fosse pelo que este perseguidor *não* era.

Porque, em todos os anos em que fora perseguido nestes becos escuros — em todos os anos em que erguera os punhos para um estranho — o atacante nunca fora mulher.

Esperou que ela reduzisse a distância.

Houve uma hesitação nos passos dela ao aproximar-se, e ele marcou o tempo com o seu andar, demorado e lânguido, sabendo que se podia virar e eliminar esta especial ameaça a qualquer momento.

Mas não era todos os dias que tinha uma surpresa.

E a criançola atrás dele era mais do que tudo uma surpresa.

Ela estava suficientemente próxima para ele lhe ouvir a respiração, rápida e ofegante — o sinal denunciatório de energia e medo. Como se fosse principiante nestas coisas. Como se fosse a vítima.

E talvez fosse.

Estava a um metro de distância dele. Trinta centímetros. Quinze centímetros antes de ele se virar, alcançando-a e apanhando-a pelos pulsos, puxando-a para si — descobrindo que ela estava desarmada e sentindo em simultâneo uma vaga de calor e fragrância cítrica.

Ela não estava a usar luvas.

Ele mal teve tempo para registar esse facto antes de ela arfar, ficar completamente imóvel por um segundo, em seguida puxar os pulsos e, ao descobrir que estavam presos nas mãos fortes dele, contorcer-se violentamente.

Ela era mais alta do que a maioria das pessoas e mais forte do que ele esperava. Não gritou nem chamou por socorro, em vez disso usou toda a respiração, toda a força que possuía, para reforçar a tentativa de se libertar, o que fazia dela alguém mais esperto do que a maior parte dos homens que ele conhecera no ringue.

No entanto, não chegava aos calcanhares dele, e por isso ele conteve-a, com força e firmeza, até ela desistir.

Ele até preferia que ela não tivesse desistido.

Mas ela assim o fez, apercebendo-se da futilidade das suas ações muito tempo depois... hesitando brevemente antes de erguer o olhar para ele e dizer:

— Solte-me.

Havia algo nas palavras, uma honestidade calma e inesperada que quase o convenceu a soltá-la. Quase o convenceu a deixá-la ir, fugir pela noite.

Quase.

Mas há muito tempo que não se sentia tão intrigado por um adversário.

Puxando-a mais para si, transferiu com facilidade ambos os pulsos dela para uma das suas mãos, enquanto usava a outra para inspecionar o manto dela à procura de armas.

A sua mão agarrou o punho de uma faca, escondida bem fundo no forro do manto. Retirou-a.

— Não, não me parece.

— Isso é meu — disse ela, estendendo a mão para a arma, praguejando por ele a segurar fora do seu alcance.

— Não me interessam encontros tardios com atacantes armados.

— Eu não estou armada.

Ele ergueu o sobrolho.

Ela exalou bruscamente.

— Quer dizer, estou armada, é claro. É meio da noite e qualquer pessoa com a sensatez de uma truta estaria. Mas não faço tenções de apunhalá-lo.

— E devo acreditar na sua palavra?

As palavras dela foram diretas e verdadeiras.

— Se eu quisesse apunhalá-lo, teria sido apunhalado.

Ele amaldiçoou a escuridão e os seus segredos, pois queria ver-lhe o rosto.

— O que é que quer? — perguntou ele baixinho, enfiando a faca na bota. — Os meus bolsos? Devia ter escolhido um alvo mais pequeno. — Porém, ele não lamentava exatamente que ela o tivesse escolhido. Até gostava.

Ainda mais quando ela respondeu.

— Quero-o a si.

A resposta foi suficientemente rápida para ser verdade e para o deixar realmente em choque.

A sua prudência ficou em alerta.

— Você não é uma mulher da vida.

As palavras não saíram em forma de pergunta. Era evidente que a mulher não era uma prostituta — pela forma com que ela ficou tensa como reação à afirmação dele, mantendo distância entre ambos.

Ela não se sentia confortável com o toque de um homem.

Com o toque dele.

Ela redobrou os esforços para se libertar.

— É só isso que as pessoas querem de si? O seu dinheiro ou o seu... — Ela calou-se, Temple resistiu ao impulso de rir. Ela certamente não era uma prostituta.

— As duas opções costumam bastar às mulheres. — Ele fitou o rosto escuro dela, desejando haver um candeeiro de rua. De um feixe de luz vindo de uma janela próxima. — Muito bem, querida, se não é o meu dinheiro nem o meu... — Calou-se, desfrutando a forma como ela ficou sem fôlego antes de ele terminar. Ela estava curiosa. — ... desempenho, então o que é?

Ela respirou fundo, de forma tão pesada que se sentiu entre os dois, como se o que ela estivesse prestes a dizer fosse mudar o seu mundo. Mudar o dele. Ele esperou, mal reparando que ele também sustivera a respiração.

— Estou aqui para desafiá-lo.

Ele soltou-a e virou-se de costas, a transbordar de irritação e frustração e alguma desilusão. Ela não o procurara por ser homem. Ela procurara-o como um meio para um fim. Tal como sempre faziam.

As botas dela batiam na pedra da calçada enquanto ela corria atrás dele.

— Espere.

Ele não esperou.

— Vossa Graça... — O título atravessou a escuridão. Doeu. *Ela não iria a lado nenhum com tamanhas maneiras.* — Espere um momento. Por favor.

Podia ter sido a suavidade da expressão. Podia ter sido a expressão em si — uma que o Duque Assassino não costumava ouvir — que o fez parar. Que o fez virar.

— Eu não luto com mulheres. Não me interessa quem é o seu amante. Diga-lhe para ganhar coragem e vir ter comigo ele próprio.

— Ele não sabe que estou aqui.

— Se calhar devia ter-lhe dito. Assim ele podia tê-la impedido de tomar a decisão apressada e insensata de estar a meio da noite num beco escuro com um homem afamado de ser um dos mais perigosos na Grã-Bretanha.

— Não acredito nisso.

Estas palavras acenderam algo profundo nele. Talvez a verdade dessas palavras. E, pelo momento mais breve, ele considerou agarrá-la outra vez. Levá-la para a sua residência.

Há muito tempo que uma mulher não o intrigava.

Recuperou a sanidade.

— Devia acreditar.

— É um disparate. Tem sido desde o início.

Ele semicerrou os olhos ao olhar para ela.

— Vá para casa e arranje um homem que goste de si o suficiente para a salvar de si mesma.

— O meu irmão perdeu muito dinheiro — disse ela, com palavras nítidas na escuridão, simultaneamente com vestígios de uma educação requintada e um sotaque da parte este de Londres. Não que ele se interessasse pelo sotaque dela. *Ou por ela.*

— Eu não luto com mulheres. — Sentiu conforto ao repetir. Ao lembrar-se de que nunca magoara uma mulher. *Outra mulher.* — E o seu irmão parece ser mais esperto do que a maioria. Eu também não perco com homens.

— Ainda assim, desejo reclamar o dinheiro.

— Eu também desejo uma série de coisas que nunca terei — retorquiu-lhe ele.

— Eu sei. É por isso que estou aqui. Para lhas dar. — Algo ecoou nas palavras. Força. Verdade. Ele não respondeu, mas a curiosidade fê-lo esperar pelas próximas palavras dela. Palavras que o abalaram. — Estou aqui para propor uma troca.

— Então é uma mulher da vida, afinal?

Ele quis insultá-la. Não conseguiu. Ela soltou uma pequena gargalhada no escuro, sendo o som suspirante mais intrigante do que ele gostaria de admitir.

— Não é esse tipo de troca. E, além disso, não me quer tanto quanto quer aquilo que lhe posso dar.

As palavras eram um desafio, e ele ficou mortinho para aceitar. Pois havia algo nas palavras desta mulher estúpida e corajosa que o seduziam. Que o faziam considerar concordar com qualquer que fosse a troca idiota que ela estava a sugerir.

Dando um passo na sua direção, concentrou-se nela, sentindo-lhe o odor quente e agradável. Num instante, ele apanhara-a nos braços, pressionando-lhe o peito no dele.

— Confesso que sempre gostei da combinação de beleza e atrevimento. —murmurou-lhe ele ao ouvido, adorando a forma como ela sustinha a respiração. — Talvez possamos fazer um acordo, afinal de contas.

— O meu corpo não faz parte da negociação.

Ora que pena. Ela era verdadeiramente descarada, e uma noite na cama dela podia valer o que quer que ela pretendesse.

— Então o que a faz pensar que estou interessado em negociar consigo?

Ela hesitou. Um segundo. Menos. Mas ele ouviu.

— Porque quer o que estou a oferecer.

— Eu sou rico a valer, querida. Por isso se não está a oferecer a sua participação voluntária na minha cama, não há nada que tenha que eu não possa obter sozinho.

Ele virou-se novamente para a casa, dando vários passos antes de ela o chamar:

— Nem absolvição?

Ele ficou imóvel.

Absolvição.

Quantas vezes tinha ouvido esta palavra na cabeça? Quantas vezes a proferira, baixinho na língua, deitado no escuro, apenas acompanhado pela culpa e pela raiva?

Absolvição.

Sentiu-se invadido por uma sensação fria e furiosa, e demorou a compreendê-la. Advertência. *Ela era perigosa.*

Ele devia ir-se embora.

E ainda assim...

Ele avançou para agarrá-la, usando a velocidade pela qual era célebre, prendendo-lhe o braço com uma mão forte. Ignorou a inspiração brusca dela e arrastou-a pela rua até uma área iluminada por um candeeiro junto à porta da sua casa.

Levou uma mão enluvada ao rosto dela, virando-a para a luz, examinando-a — pele macia, arrepiada pelo ar gélido da noite, maxilar firme e desafiador. Os olhos arregalados e límpidos, cheios de honestidade.

Um azul. Um verde.

Demasiado estranhos para serem comuns. Demasiado memoráveis.

Ela tentou desviar o queixo. A mão dele apertou-a, impossibilitando o movimento. A pergunta dele foi rápida e brusca, no silêncio da noite.

— Quem é o seu irmão?

Ela engoliu em seco. Ele sentiu o momento na mão. No seu corpo todo. Uma eternidade passou enquanto esperava pela resposta dela.

— Christopher Lowe.

O nome dilacerou-o, e ele libertou-a instantaneamente, recuando do calor ameaçador, espessando-lhe o sangue e ensurdecendo-lhe os ouvidos.

Absolvição.

Ele abanou a cabeça devagar, incapaz de evitar falar:

— A senhora é... — Faltou-lhe a voz, e ela fechou os olhos, incapaz de olhar para ele. Não. Isso não. — Olhe para mim.

Ela endireitou-se, atirando os ombros para trás, a coluna rígida. E olhou para ele sem vergonha. Sem remorsos.

Céus.

— Fale. — Não foi um pedido.

— Eu sou Mara Lowe.

Não podia ser verdade.

— A senhora morreu.

Ela abanou a cabeça, cabelo avermelhado a cintilar sob a luz.

— Estou viva.

Tudo nele parou. Tudo o que fervilhara durante tantos anos. Tudo o que resistira e odiara e temera. Tudo ficou quieto.

Até explodir num rugido infernal.

Ele virou-se para destrancar a porta do seu apartamento, pois precisava de algo para controlar a raiva. Os ferrolhos de ferro moveram-se sob o comando da sua força, estalando e deslizando, intervalando com a sua respiração difícil.

— Vossa Graça?

A pergunta trouxe-o de volta à realidade. *Vossa Graça*. O título para o qual nascera. O título que ignorara durante anos. Seu, mais uma vez. Concedido por quem o destituíra dele.

Sua Graça, o Duque de Lamont.

Escancarou a porta e virou-se de novo para ela, esta mulher que lhe mudara a vida. Que lhe arruinara a vida.

— Mara Lowe. — O nome soou severo, deformado e repleto de história.

Ela anuiu.

Ele riu-se, uma só sílaba amarga na escuridão. Foi a única coisa que conseguiu fazer. Ela franziu o sobrolho, confusa. Ele fez-lhe uma vénia rápida e irónica.

— Queira desculpar-me. Sabe, não é todos os dias que um assassino se encontra com uma antiga vítima.

Ela ergueu o queixo.

— Não me matou.

As palavras foram suaves, fortes e cheias de uma coragem que ele podia ter admirado. Uma coragem que podia ter odiado.

Ele não a matara. Sentiu-se emocionado, rígido e zangado. Aliviado. Furioso. Confuso. Muitas outras coisas.

Meu Deus.

O que raio acontecera?

Ele pôs-se de lado, acenando na direção do corredor para além do limiar da porta.

— Entre. — Mais uma vez, não foi um pedido.

Ela hesitou, de olhos arregalados, e por um instante, ele pensou que ela fugiria.

Mas não fugiu.

Rapariga estúpida. Devia ter fugido.

As saias dela roçaram-lhe nas botas quando passou por ele, que foi lembrado pelo toque de que ela era de carne e osso.

E estava viva.

Viva, e era dele.

Capítulo Dois

Quando a porta se fechou, a escuridão silenciosa da casa pontuada com os cliques da fechadura, ocorreu a Mara que este poderia bem ser o maior erro que cometera na vida.

O que não era dizer pouco, tendo em conta o facto de que, duas semanas após o seu décimo sexto aniversário, ela fugira ao seu casamento planeado com um duque, deixando o filho dele enfrentar acusações falsas do seu assassínio.

O filho dele, que estava sem dúvida a ponderar transformar essas acusações falsas em verdade.

O filho dele, que tinha todo o direito em libertar a sua fúria.

O filho dele, com quem ela estava agora num corredor desconfortavelmente estreito. Sozinha. A altas horas da noite. O coração de Mara acelerou dentro do espaço confinado. Todo o seu ser gritava para fugir.

Mas não podia. O seu irmão tornara isso impossível. A sorte mudara. O desespero levara-a ali, e estava na hora de ela enfrentar o passado.

Estava na hora de enfrentá-lo a *ele*.

Preparando-se, virou-se para fazer justamente isso, tentando ignorar a sombra que a silhueta enorme dele — mais alta e larga do que qualquer homem que ela alguma vez conhecera — assomou na escuridão, bloqueando-lhe a saída.

Ele já estava a passar por ela, liderando o caminho por uma escadaria acima.

Ela hesitou, lançando um olhar para a porta atrás dela. Podia voltar a desaparecer. Exilar Mara Lowe mais uma vez. Já desaparecera uma vez antes; podia fazê-lo de novo.

Podia fugir.

E perder tudo o que tinha. Tudo o que ela era. Tudo pelo que tinha trabalho tanto.

— Eu apanhá-la-ia ainda antes de se afastar 10 metros — disse ele.

E ainda havia isto, também.

Ela ergueu o olhar para ele, que a observava de cima, com o rosto iluminado pela primeira vez naquela noite. Mudara em 12 anos, e não da forma normal — de um rapaz de 18 para um homem de 30. A pele perfeita e macia abrira alas a feições angulares maduras e barba curta escura.

Mais do que isso, os olhos dele não possuíam vestígios da boa-disposição que transmitiram naquela noite, há uma eternidade. Permaneciam pretos como a noite, mas agora continham os seus segredos.

É claro que ele a apanharia se ela fugisse. Era para isso que ela ali estava, não era? Para ser apanhada. Para se revelar.

Mara Lowe.

Passara mais de uma década desde que dissera o nome em voz alta. Tinha sido Margaret MacIntyre desde o momento em que desaparecera naquela noite. Mas agora era novamente Mara, a única forma de salvar a única coisa que lhe importava. A coisa que dava sentido à sua vida.

Não tinha outro remédio a não ser Mara.

A ideia impeliu-a pelas escadas acima, para dentro de uma sala que era parte biblioteca, parte escritório e toda masculina. Quando ele acendeu todas as velas, um brilho dourado espalhou-se sobre a mobília grande e de couro em intensas cores escuras.

Ele já estava agachado para acender a lareira quando ela entrou. Era tão incongruente — o grande duque a acender a lareira — que ela não conseguiu evitar perguntar:

— Não tem criados?

Ele endireitou-se, limpando as mãos nas coxas robustas.

— Tenho uma mulher que vem limpar de manhã.

— Mais ninguém?

— Não.

— Porque é que não?

— Ninguém quer dormir na mesma casa que o Duque Assassino. — Não havia raiva nas suas palavras. Nem tristeza. Apenas verdade.

Ele foi servir-se de um uísque, mas não lhe ofereceu nada. Nem lhe disse para ela se sentar quando se instalou numa grande poltrona de couro. Tomou um gole demorado de líquido âmbar e cruzou as

pernas, deixando o copo balançar na mão enquanto a observava, assimilando-a com os olhos negros, admirando, vendo tudo.

Ela cruzou as mãos para controlar o tremor, e olhou-o nos olhos. Este jogo podia ser a dois. Doze anos longe de dinheiro e poder e da aristocracia davam origem a uma vontade forte.

Uma vontade que partilhavam.

Este pensamento ecoou dentro dela com um sentimento de culpa. Ela escolhera esta vida. Escolhera para mudar tudo. Ele não. Ele fora uma vítima do plano estúpido e parvo de uma criança.

Lamento.

Era verdade, afinal de contas. Ela nunca pretendera que o tal jovem encantador — todo musculado e gracioso e com uma boca larga e sorridente — se tornasse uma vítima involuntária na sua fuga.

O que não quer dizer que ela não tivesse tentado salvá-lo.

Ela ignorou o pensamento. Era demasiado tarde para desculpas. Ela causara isto; agora teria de arcar com as consequências.

Ele bebeu novamente, ocultando o olhar com as pálpebras, como se ela pudesse sentir falta da maneira como ele olhava para ela. Como se ela não o sentisse diretamente nos seus dedos dos pés.

Era um combate. Ele não falaria primeiro, ou seja, dependia dela começar uma conversa.

Uma jogada prejudicial.

Ela não seria derrotada por ele.

Por isso esperou, a tentar não ficar inquieta. A tentar não saltar de medo sempre que ouvia o crepitar da lenha na lareira. A tentar não dar em louca com o peso do silêncio.

Aparentemente, ele também não estava interessado em perder.

Ela semicerrou os olhos, sem os tirar de cima dele.

Esperou até não aguentar mais e em seguida disse-lhe a verdade.

— Eu não sinto prazer em estar aqui mais do que o senhor sente em ter-me aqui.

As palavras transformaram-no em pedra por um momento, e ela mordeu a língua, com medo de falar. Com medo de piorar as coisas.

Ele riu-se de novo — o riso que ela ouvira antes, na rua — desprovido de humor, uma soltura confusa que parecia mais ser de dor do que de prazer.

— Incrível. Até este momento, eu realmente tinha julgado ser possível que a senhora tivesse sido uma vítima do destino também.

— Não somos todos vítimas do destino?

E ela fora. Não fingiu que não tinha sido uma participante voluntária em tudo o que acontecera há tantos anos... mas se ela tivesse sabido como isso a iria mudar... o que lhe iria fazer...

Ela impediu que a mentira se completasse.

Ela teria feito o mesmo de qualquer maneira. Na altura não tinha outra escolha. Tal como não tinha outra escolha esta noite.

Havia momentos que mudavam a vida de uma pessoa. E caminhos que não tinham bifurcações.

— A senhora está viva e de boa saúde, menina Lowe.

O homem era um duque, poderoso e rico, com toda a Londres aos seus pés se desejasse. Ela ergueu o queixo ao ouvir o seu tom acusador.

— Tal como *Vossa Graça*.

Os olhos dele escureceram.

— Isso é discutível. — Ele encostou-se na poltrona. — Parece que não foi o destino que me atacou, afinal de contas. Foi a senhora.

Quando ele a apanhara na rua, antes de descobrir porque é que ela estava ali e quem era, a sua voz transmitira compaixão — um tom depressivo pelo qual ela fora atraída, embora conhecesse bem os riscos.

Essa compaixão já não se sentia, agora substituída por uma calma fria — uma calma que não a conseguia enganar. Uma calma que ela apostaria que mascarava uma tempestade terrível.

— Eu não o ataquei.

Era um facto, embora não fosse inteiramente verdade.

Ele não desviou o olhar do dela.

— Uma mentirosa dos pés à cabeça, estou a ver.

Ela ergueu o queixo.

— Eu nunca menti.

— Não? Fez com que o mundo pensasse que estava morta.

— O mundo acreditou no que quis.

Ele semicerrou os olhos pretos.

— A senhora desapareceu e deixou que todos tirassem as suas próprias conclusões.

A sua mão livre — a que não estava a agarrar no uísque numa imitação de descontração — traiu a sua ira, contorcendo os dedos com uma energia mal controlada. Ela reparou no movimento, reconhecendo-o dos rapazes que conhecera nas ruas. Havia sempre algo que revelava a sua frustração. A sua raiva. Os seus planos.

Mas este não era rapaz nenhum.

Ela não era palerma nenhuma — 12 anos ensinaram-lhe uma centena de lições sobre segurança e autopreservação, e por um instante o remorso criou ansiedade e ela ponderou voltar a fugir — fugir deste homem, deste lugar e desta escolha que fizera.

A escolha que simultaneamente salvaria e destruiria a vida que tinha construído.

A escolha que a obrigaria a enfrentar o passado e a colocar o seu futuro nas mãos deste homem.

Ela viu aqueles dedos moverem-se.

Nunca quis magoá-lo. Ela queria dizer estas palavras, mas ele não acreditaria nela. Ela sabia bem. Não tinha a ver com o facto de ele perdoar ou não, compreender ou não. Tinha a ver com o futuro dela. E com o facto de que ele tinha a solução.

— Desapareci, sim. E não posso apagar isso. Mas estou aqui agora.

— E finalmente vamos resolver as coisas. Porquê?

Por tantas razões.

Ela resistiu ao pensamento. Havia apenas uma razão. Apenas uma que importava.

— Dinheiro. — Era verdade. E também mentira.

Ele ergueu as sobrancelhas, surpreendido.

— Confesso que não estava à espera de tanta honestidade.

Ela encolheu brevemente os ombros.

— Eu acho que as mentiras só complicam.

Ele soltou um suspiro demorado.

— Está aqui para discutir o caso do seu irmão.

Ela ignorou a vaga de raiva que acompanhou as palavras.

— Sim, estou.

— Ele está endividado até às pontas dos cabelos.

Com o dinheiro dela.

— Disseram-me que o senhor pode mudar isso.

— Posso, mas não quer dizer que o faça.

Ela inspirou e atirou-se de cabeça para a briga.

— Eu sei que ele não consegue derrotá-lo. Eu sei que o combate com o grande Temple é uma ilusão mental. Que o senhor ganha sempre. Presumo que seja por isso que não aceitou nenhum dos 12 desafios que ele fez. Francamente, fiquei bastante contente por não o ter feito. Deu-me margem para negociar.

Era difícil acreditar que os olhos escuros dele pudessem escurecer mais.

— Está em contacto com ele.

Ela ficou imóvel, considerando a revelação de informação mal conjeturada.

Ele não lhe deu tempo.

— Há quanto tempo está em contacto com ele?

Ela hesitou um segundo a mais. Menos de um segundo. O suficiente para ele se levantar repentinamente da poltrona e atravessar a sala até ela, empurrando-a para trás, tão depressa que a fez tropeçar nas saias.

Um braço maciço apareceu de repente. Apanhou-a, com uma força robusta como aço atravessando-lhe as costas. Puxou-a para ele; ela ficou engaiolada contra ele.

— Há quanto tempo? — Calou-se, mas antes que ela pudesse responder, acrescentou: — Não tem de me dizer. Consigo sentir o cheiro da culpa em si.

Ela colocou as mãos no peito dele, sentindo a parede de músculo férreo. Empurrou. O esforço foi inútil. Ele só se moveria quando estivesse pronto.

— A senhora e o idiota do seu irmão magicaram um plano idiota, e a senhora desapareceu. — Ele estava tão perto. Demasiado perto. — Idiota talvez não. Talvez genial. Afinal de contas, todos pensaram que estava morta. *Eu pensava que estava morta*. — As palavras transmitiam fúria, fúria e algo mais. Algo que ela não conseguia evitar querer mitigar.

— O plano nunca foi esse.

Ele ignorou as palavras.

— Mas agora está aqui, doze anos depois, em carne e osso. Sã e salva. — As palavras eram suaves, como um sussurro no ouvido dela. — Eu devia fazer jus ao nosso passado. À minha reputação.

Ela sentiu a raiva nas suas palavras. Sentiu-a no seu toque. Mais tarde, ela ficaria maravilhada com a sua própria coragem quando ergueu o olhar para ele e disse:

— Se calhar devia. Mas não vai fazê-lo.

Ele soltou-a, tão rapidamente que ela cambaleou para trás quando ele se virou, percorrendo a extensão da sala, fazendo-lhe lembrar um tigre que vira certa vez num espetáculo itinerante, engaiolado e frustrado. Ocorreu-lhe que trocaria de bom grado o animal selvagem pelo Duque de Lamont naquele instante.

Indomado, ele próprio.

Quando ele por fim se virou de novo, disse:

— Não teria tanta certeza. Doze anos com fama de assassino mudam um homem.

Ela abanou a cabeça, sem desviar o olhar dos seus olhos pretos.

— O senhor não é um assassino.

— *A senhora é a única pessoa que sabia isso.*

As palavras soaram baixas e repletas de emoção. Mara reconheceu fúria, choque e surpresa, mas era a acusação que a desconcertava. Não era possível que ele tivesse pensado que a matara.

Não era possível que ele tivesse acreditado nos boatos. Na especulação.

Ou era?

Ela devia dizer alguma coisa. Mas o quê? O que é que se dizia ao homem injustamente acusado do assassínio de alguém?

— Ajudaria se eu pedisse desculpas?

Ele semicerrou os olhos para ela.

— Sente remorsos?

Ela não mudaria nada. Por nada deste mundo.

— Lamento que tenha sido apanhado no meio da confusão.

— Arrepende-se das ações que cometeu?

Ela olhou-o nos olhos.

— Deseja a verdade? Ou um cliché?

— A senhora não imagina as coisas que eu desejo.

Ela imaginava, sem dúvida.

— Compreendo que esteja zangado.

As palavras pareceram chamar-lhe a atenção, e ele veio na direção dela, com o copo ainda na mão, obrigando-a a recuar, até ao outro lado da sala demasiado pequena.

— *Compreende*, é?

Tinha sido a coisa errada para se dizer. Ela circundou um divã, mantendo as mãos levantadas, como se pudesse impedi-lo, à procura da coisa certa para dizer.

Ele não esperou que ela a descobrisse.

— *Compreende* o que é perder tudo?

Sim.

— *Compreende* o que é perder o meu nome?

Por acaso, sim. Mas ela sabia bem que não o devia dizer.

Ele insistiu.

— Perder o meu título, as minhas terras, a minha *vida*?

— Mas o senhor não perdeu isso tudo... ainda é um duque. O Duque de Lamont — disse ela, proferindo as palavras — coisas que dissera a si mesma durante anos — rápida e defensivamente. — As terras ainda lhe pertencem. O dinheiro. Triplicou as propriedades do ducado.

Os olhos dele arregalaram-se.

— Como é que sabe isso?

— Presto atenção.

— Porquê?

— Porque é que nunca regressou à sua casa?

— De que é que teria valido se regressasse?

— Podia ter-se lembrado de que não perdeu assim tanta coisa. — Disse as palavras antes que pudesse impedi-las de sair. Antes que se apercebesse de como eram sedutoras. Ela recuou rapidamente, colocando uma cadeira de costas altas entre eles e espreitando por ela. — Não quis dizer...

— Claro que quis. — Ele começou a dar a volta à cadeira na direção dela.

Ela moveu-se na direção oposta, mantendo o móvel entre eles. Tentando acalmar a besta.

— Está zangado.

Ele abanou a cabeça.

— Zangado não chega sequer para descrever a profundidade dos meus sentimentos.

Ela anuiu, pulando para trás mais uma vez, pela sala.

— Muito bem. Furioso.

Ele avançou.

— Está melhor.

— Irado.

— Isso também.

Ela olhou para trás de si e viu o aparador a avultar-se. Afinal de contas, aquela sala não era muito grande.

— Lívido.

— Isso também.

Ela sentiu o carvalho duro nas costas. *Mais uma vez encurralada*.

— Eu posso reparar isso — disse ela, desesperada para recuperar o controlo da situação. — Reparar os danos. — Ele parou, e por um momento ela teve toda a sua atenção. — Se não estou morta, o senhor não é... — *um assassino* — o que dizem que é. — Ele não respondeu, e ela apressou-se a preencher o silêncio. — É por isso que estou aqui.

Direi a verdade. Mostrar-me-ei à sociedade. Provarei que não é o que dizem que é.

Ele pousou o copo no aparador.

— Fará isso mesmo.

Ela expirou, sem saber que estivera a suster a respiração. *Ele não era tão impiedoso como imaginara que ele fosse.* Ela anuiu.

— Sim, farei. Direi a toda a gente...

— Contar-lhes-á a verdade.

Ela hesitou ao ouvir as palavras, odiando-as, pois eram uma ameaça. E ainda assim anuiu.

— Contar-lhes-ei a verdade. — Seria a coisa mais difícil que alguma vez fizera, mas fá-la-ia.

Não tinha outra escolha.

Arruiná-la-ia, mas podia ser o suficiente para salvar o que era importante.

Tinha uma oportunidade para negociar com Temple. Tinha de o fazer como deve ser.

— Com uma condição.

Ele riu-se. Uma grande gargalhada ruidosa. Ela franziu o sobrolho ao ouvir o barulho. Não gostou do som, principalmente quando terminou com um sorriso perverso e severo.

— Quer fazer uma troca comigo? — Ele estava suficientemente perto para lhe poder tocar. — Acha que esta noite me deixou com disposição para negociar?

— Eu já desapareci uma vez. Posso fazê-lo outra vez. — A ameaça não o fez gostar dela.

— Eu hei de encontrá-la. — As palavras foram tão sérias e tão honestas que ela não duvidou dele.

Ainda assim, insistiu.

— Talvez, mas eu mantive-me escondida durante doze anos, e tornei-me muito boa nisso. E mesmo que me encontrasse, a aristocracia não acreditaria apenas na sua palavra de que eu estou viva. O senhor precisa de mim como uma participante voluntária neste jogo.

Ele semicerrou o olhar, e ela viu o músculo do maxilar dele contrair-se. Quando ele falou, as palavras eram gelo.

— Asseguro-lhe que nunca precisarei de si.

Ela ignorou-o. Seguiu em frente.

— Eu direi a verdade. Mostrarei a prova do meu nascimento. E o senhor perdoará a dívida do meu irmão.

Houve um momento de silêncio quando as palavras se abateram entre os dois, e durante esses segundos efémeros, Mara pensou que podia ter conseguido negociar com ele.

— Não.

Ela entrou em pânico. Ele não podia recusar. Ela ergueu o queixo.

— Penso que é uma troca justa.

— Uma troca justa por *destruir-me a vida*?

Ela ficou irritada. Ele era um dos homens mais ricos de Londres. Na Grã-Bretanha, por amor de Deus. Com mulheres a atirarem-se nos seus braços e homens desesperados para ganhar a sua confiança. Ele conservou o seu título, a sua herança, e agora tinha um império inteiro em seu nome. O que é que ele sabia de vidas arruinadas?

— E quantas vidas é que você destruiu? — perguntou ela, sabendo que não devia, mas incapaz de evitar. — O senhor não é santo nenhum.

— O que quer que eu tenha feito... — começou ele a dizer, em seguida parou, mudando de rumo com outro suspiro incrédulo. — Chega. A senhora é tão idiota agora como era quando tinha 16 anos se pensa que está em posição de negociar os termos do nosso acordo.

Ela pensara nisso no início, é claro, mas ao olhar para os olhos zangados e frios deste homem percebeu que se enganara. Este homem não queria absolvição.

Ele queria vingança.

E era através dela que ele a teria.

— Não percebe, Mara? — Ele inclinou-se para a frente e sussurrou: — A senhora agora é minha.

As palavras perturbaram-na, mas ela recusou mostrar-lhe isso. *Ele não era assassino*. Ela sabia isso melhor do que ninguém.

Ele pode não te ter matado a ti... mas não fazes ideia do que ele fez desde então.

Disparate. Ele não era um assassino. Estava simplesmente zangado. Coisa que ela esperara, certo? Não se preparara para isso? Não considerara as suas opções antes de vestir o manto e sair à rua para encontrá-lo?

Ela estivera sozinha durante 12 anos. Aprendera a tomar conta dela mesma. Aprendera a ser forte.

Em seguida, ele afastou-se dela, dirigindo-se a uma cadeira perto da lareira.

— Mais vale sentar-se. Não vai a lado nenhum.

As palavras deixaram-na desconfortável.

— O que é que isso quer dizer?

— Quer dizer que apareceu à minha porta, menina Lowe. E não faço tenções de deixá-la escapar outra vez.

O coração dela ficou acelerado.

— Então serei sua prisioneira?

Ele não respondeu, mas as suas palavras anteriores ecoaram dentro dela. *A senhora agora é minha*.

Raios partam. Ela cometera um terrível erro.

E ele deixara-lhe pouca margem de manobra.

Ignorando a forma como ele gesticulou para o outro lugar junto à lareira, ela pegou no decantador na outra ponta do aparador, servindo primeiro um copo, depois um segundo, medindo o líquido com cuidado.

Virou-se para ele, reparando no sobrolho franzido dele numa expressão de acusação.

— Tenho direito a uma bebida, ou não? Por acaso planeia tirar-me isso enquanto executa a sua vingança?

Ele pareceu pensar na resposta antes de dizer:

— Faça o favor.

Ela atravessou a sala e ofereceu-lhe o segundo copo, na esperança de que ele não visse a sua mão a tremer.

— Obrigada.

— Acha que a cortesia vai fazê-la ganhar pontos?

Ela sentou-se na beira da cadeira em frente a ele.

— Julgo que mal não faz. — Ele bebeu, e ela suspirou, olhando fixamente para o líquido, fazendo tempo antes de dizer: — Não queria fazer isto.

— Imagino que não — disse ele, com sarcasmo. — Imagino que tenha gostado de doze anos de liberdade.

Não era isso que ela quisera dizer, mas sabia bem que não devia corrigi-lo.

— E se lhe dissesse que nem sempre gostei? Que não foi sempre fácil?

— Aconselhá-la-ia a não me dizer essas coisas. Julgo que perdi o meu lado compassivo.

Ela semicerrou-lhe os olhos.

— O senhor é um homem difícil.

Ele bebeu outra vez.

— Um sintoma de doze anos de solidão.

— Não queria que as coisas tivessem acontecido como aconteceram — disse ela, apercebendo-se ao dizer as palavras de que estavam a revelar mais do que pretendera revelar. — Nós não o reconhecemos.

Ele ficou imóvel.

— Nós?

Ela não respondeu.

— *Nós?* — Ele inclinou-se para a frente. — O seu irmão. Devia ter lutado com ele quando mo pediu. Merece uma tareia. Ele... — Ele hesitou. Ela susteve a respiração. — Ele ajudou-a a fugir. Ele ajudou-a... — Ele levou a mão à cabeça. — ... *a drogar-me*.

Ele arregalou os olhos pretos, em choque, percebendo o que estava a acontecer, e ela levantou-se rapidamente da cadeira, com o coração aos saltos.

Ele fez o mesmo, erguendo-se no máximo da sua altura — mais de 1,80 m, alto e largo e maior do que qualquer homem que ela alguma vez conhecera. Quando eram mais novos, ela ficara maravilhada com o tamanho dele. Sentira-se intrigada.

Atraída.

Ele interrompeu-lhe os pensamentos.

— A senhora drogou-me!

Ela colocou a cadeira entre eles.

— Nós éramos crianças — defendeu-se ela.

Qual é a tua desculpa agora?

Ele não lhe dera outra escolha.

Mentirosa.

— Raios a partam! — disse ele, caindo-lhe o copo da mão, quando avançou para ela, falhando, ficando preso na beira da cadeira. — Voltou a... fazê-lo.

E estatelou-se no chão.

Uma coisa era drogar um homem uma vez... mas duas vezes parecia exagero. Mesmo no tempo de uma vida. Afinal de contas, ela não era um monstro.

Mas não queria dizer que ele acreditaria nisso quando acordasse.

Mara ficou ao pé do Duque de Lamont, agora caído como um grande carvalho no seu próprio escritório, e ponderou as suas opções.

Ele não lhe dera outra escolha.

Talvez, se continuasse a dizer isso a si mesma, ela acreditasse. E deixasse de sentir-se culpada com toda esta situação.

Ele ameaçara mantê-la prisioneira, como se fosse um monstro.

Qual deles era o monstro?

Deus do céu, ele era enorme.

E, de alguma maneira, intimidante, apesar de estar inconsciente.

E bonito, mas não de uma forma clássica.

Tudo nele era tamanho e força, porém imóvel. Percorreu o olhar pelo corpo dele, os braços e as pernas compridos vestidos com roupas perfeitamente desenhadas, os tendões do seu pescoço a espreitarem por cima da gola não engravatada da camisa, a extensão de pele bronzeada do maxilar forte e do queixo com covinha, e as cicatrizes.

Mesmo com as cicatrizes, as feições do seu rosto revelavam a sua linhagem aristocrática, com cantos aguçados e ângulos oblíquos compridos — daquelas que faziam as mulheres desmaiar.

Mara não podia censurá-las por desmaiarem.

Ela quase desmaiara, uma vez.

Quase não. *Desmaiara mesmo.*

Quando ele era novo, ele sorrira com facilidade, exibindo dentes brancos e direitos e uma expressão que prometia mais do que gracejos. Que prometia prazer. O seu tamanho, combinado com aquela descontração, fora um sinal de tanta tranquilidade, de tamanha genuinidade que ela pensara que ele era tudo menos nobre. Um cavalariço. Ou um lacaio. Ou se calhar um membro da baixa nobreza, convidado pelo pai dela para o enorme casamento que faria da sua filha uma duquesa.

Ele parecera alguém que não tinha de se preocupar com aparências.

Não lhe ocorrera que o herdeiro de um dos ducados mais poderosos do país seria o cavalheiro mais descontraído no espaço de quilómetros. É claro que devia ter-lhe ocorrido. Devia ter percebido, no momento em que se encontraram naquele jardim frio e ele lhe sorriu como se ela fosse a única mulher na Grã-Bretanha e ele o único homem, que ele fazia parte da aristocracia.

Mas não tinha percebido.

E ela certamente não imaginara que ele era o Marquês de Chapin. O herdeiro do ducado do qual ela em breve se tornaria duquesa. O seu futuro enteado.

O homem esparramado sobre mogno e carpete não parecia ser enteado de ninguém.

Mas ela não pensaria nisso.

Agachou-se para lhe verificar a respiração, sentindo-se imensamente aliviada com a forma como o peito dele subia e descia por baixo da jaqueta em movimentos regulares. O coração dela estava acelerado, sem dúvida com medo — afinal de contas, se ele acordasse, não ficaria muito contente.

Ela soltou uma pequenina gargalhada ao pensar nisso.

Contente não era a palavra certa.

Ele não seria *humano*.

E em seguida, com o pânico vertiginoso que lhe percorria o corpo, ela fez algo que nunca teria imaginado fazer. Ou, melhor, teria imaginado fazer, mas nunca teria arranjado coragem para fazer.

Tocou-lhe.

A sua mão moveu-se antes que pudesse impedi-la. Antes que soubesse sequer o que estava a fazer. Mas então pousou os dedos na pele dele — macia, quente e viva. E tão tentadora como sempre.

Os seus dedos percorreram-lhe as feições do rosto, detetando as saliências suaves da cicatriz branca de mais de dois centímetros que se estendia pelo osso na base do olho esquerdo, descendo em seguida pelos altos quase impercetíveis e ângulos do nariz outrora perfeito, sentindo o peito apertar-se ao mesmo tempo que considerava os combates que teriam causado as fraturas. E a dor que lhe infligiram.

A vida que ele vivera para carregá-las.

A vida que ela lhe dera.

— O que te aconteceu? — A pergunta soou como um murmúrio.

Ele não respondeu, e ela deslizou a mão para a última cicatriz, na curva do lábio inferior.

Ela sabia que não devia... que não faria... mas então levou os dedos àquela linha branca e fina, que mal se notava sobre a pele carnuda, raiando a curva macia do lábio. E em seguida tocou-lhe na boca, percorrendo os seus altos e baixos, maravilhada com a suavidade.

Recordando a sensação que deixara na sua.

Desejando que...

Não.

Afastou a mão dele como se se tivesse queimado, e desviou a atenção para o resto do corpo dele, para a forma como um dos braços estava estendido aleatoriamente pela carpete, vítima de láudano. Ele

parecia estar desconfortável, por isso ela chegou-se a ele, com o fim de endireitar-lhe o braço, para o estender junto ao corpo. Mas, assim que a mão dele tocou na dela, ela não conseguiu evitar observá-la e a penugem preta que cobria as costas da mão, a forma como as veias se estendiam como rios na paisagem, a forma como os nós dos dedos subiam e desciam, cicatrizados e calejados pelos anos de lutas. Magoados pela experiência.

— Porque é que fazes isto a ti mesmo? — Ela passou o polegar pelos nós dos dedos, incapaz de resistir, incapaz de se manter indiferente ao toque dele.

À memória dele — jovem, charmoso e bonito, com o mundo aos seus pés — a seduzi-la como mais ninguém.

Como mais ninguém, a não ser a liberdade.

Ela tremeu na sala fria, olhando para a lareira, onde as chamas que ele atiçara tinham morrido e virado brasas silenciosas. Ela levantou-se e foi adicionar outro cepo ao fogo, remexendo as brasas para avivar o lume. Assim que ganhou de novo labaredas, ela foi ter com ele, fitando-o com as mãos nos quadris, aproveitou para falar com ele, descobrindo que era muito mais fácil assim com ele de olhos acusadores fechados.

— Se não me tivesses ameaçado, não estaríamos nesta situação. Se tivesses simplesmente concordado com a minha troca, estarias consciente. E não me sentiria tão culpada.

Ele não respondeu.

— Sim, deixei-te arcar com a culpa da minha morte.

E ainda assim, nada.

— Mas juro que não pretendi que as coisas acontecessem como aconteceram. Perdi o controlo da situação.

E mesmo assim ela fugira.

— Se soubesses porque o fiz...

O peito dele subiu numa inspiração demorada e regular.

— Porque regressei...

E desceu.

Se ele soubesse, continuaria furioso. Ela suspirou.

— Bem. Aqui estamos nós. E eu estou farta de fugir.

Não houve resposta.

— Não irei fugir agora.

Parecia importante dizer-lhe isto. Se calhar porque havia uma parte sua — uma parte muito sã e inteligente — que desejava fugir.

Que desejava deixá-lo ali no chão frio e duro e fugir como tinha feito há tantos anos.

Mas havia outra parte — não tão sã e não tão inteligente — que sabia que estava na hora do seu castigo. E que, se fizesse as coisas como deve ser, conseguiria o que queria na negociação.

— Partindo do princípio de que negoceias.

Ela virou-se para o aparador, onde estava o jornal daquele dia, por ler. Perguntou-se se ele era o tipo de homem que lia as notícias todos os dias. Se era o tipo de homem que se preocupava com o mundo.

Ela sentiu-se culpada e afastou o pensamento.

Rasgou a folha do jornal ao meio e em seguida vasculhou as gavetas na sala até encontrar o que procurava — um pote de tinta e uma pena. Rabiscou um recado, agitando casualmente a tinta molhada no ar ao mesmo tempo que voltava para ao pé dele, imóvel como um cadáver.

Extraiu um gancho de cabelo e agachou-se outra vez ao lado dele.

— Nada de sangue desta vez — sussurrou-lhe. — Espero que repares nisso.

Ainda assim, ele continuou a dormir.

Ela prendeu-lhe o recado ao peito, tirou-lhe a sua faca da bota e dirigiu-se para a porta.

Mas não foi capaz.

À porta, virou-se, reparando no frio que estava na sala. Não podia deixá-lo assim. Ele ficaria doente. Numa cadeira a um canto, estava uma manta axadrezada verde e preta. Era o mínimo que podia fazer.

Afinal de contas, tinha drogado o homem.

Atravessou a sala e pegou na manta antes que pudesse mudar de ideias. Estendeu-a sobre ele, entalando-a à volta do corpo com cuidado, a tentar não prestar atenção ao tamanho dele. A forma como ele emanava calor e o odor sedutor de cravinho e tomilho. O ele antigo. O ele de agora.

Imperfeito.

— Lamento — sussurrou ela.

E em seguida saiu.

«ESTE NÃO É APENAS UM ROMANCE
QUE NOS FAZ SUSPIRAR PROFUNDAMENTE,
MAS UMA HISTÓRIA CUJA INTENSIDADE E SIGNIFICADO
PERMANECEM CONNOSCO MUITO DEPOIS
DE TER ACABADO. FANTÁSTICO!»
RT BOOK REVIEWS

Há doze anos, William Morrow era Marquês de Chapin e herdeiro do ducado de Lamont. Mas, depois de ser injustamente acusado de matar Mara, passaram a chamar-lhe o *Duque Assassino*.

Libertado por falta de provas, William mudou o nome para Temple, e reina hoje sobre os recantos obscuros de Londres como um dos sócios do Anjo Caído, o clube de jogo mais famoso da cidade.

Quando Mara regressa inesperadamente do mundo dos «mortos», devolve-lhe a tão desejada esperança de absolvição. Só que Mara esconde um segredo cruel: ela regressou apenas para poder salvar o próprio irmão da ruína do jogo, e o que oferece a Temple não é mais do que uma chantagem disfarçada de redenção.

Temple irá precisar de todas as suas forças para resistir à tentação de se apaixonar por esta mulher que lhe roubou tudo no passado, e que parece disposta a arriscar tudo em nome da família. Mas será que a própria Mara conseguirá fugir ao caminho do amor verdadeiro?

APAIXONE-SE PELOS OUTROS ROMANCES DA AUTORA:

TOPSELLER
os livros em primeiro lugar
20|20 editora
ISBN 978-989-8831-75-0
9 789898 831750
Ficção Romântica